

EDUCAÇÃO, LITERATURA INTANTO-JUVENIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Maria Anória de Jesus Oliveira¹
(Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/UNEB)

O tema do presente *dossiê*, em sua quarta edição, conforme pode ser observado através do título, abrange importantes áreas do conhecimento destacando-se, dentre estas, as complexas relações étnico-raciais no campo da educação, da literatura e, nesta área, as produções voltadas para as crianças e os jovens. Os textos que o constitui são de extrema relevância para a atuação docente. Isso, não só pela pertinência temática como, também, pela maneira de abordá-la. Assim, podem abrir fendas às novas travessias.

Novas por estarmos, ainda, engatilhando, no compasso tartaruga², em algumas instituições de ensino, para fazer valer a LDB 9.394/96, no que tange à inserção da história e cultura afro-brasileira e africana (Lei 10.639/03) na educação básica. *Os Cadernos Afro-Paraibanos*, portanto, vem preencher parte dessa lacuna.

Considerando a urgência de maior difusão de assuntos na área é que se trazem à tona importantes reflexões, partindo-se da literatura (afro-brasileira e africana), da história e da educação. Concordo, portanto, com Marco Aurélio Paz Tella (2012, p. 11), organizador do segundo *Caderno*, diante da afirmação de que “Os Cadernos Afro-Paraibanos se inserem numa proposta de educação antirracista [...]”. Proposta essa que põe em xeque as cômodas desculpas de que não há material sobre o assunto. Ou, ainda, a rasteira ideia de que o tema foi imposto de “cima para baixo”, ignorando-se a trajetória de lutas e resistências que o precedeu.

Para quem ainda insiste em tais anacrônicos equívocos, talvez o ideal seja iniciar a leitura partindo do texto de Lucimar Rosa Dias que, de maneira instigante e contundente, apresenta um panorama geral das Políticas Públicas na educação focalizando, por fim, a educação infantil. Nesse diálogo preliminar, anteciparei um fato por ela relatado, ao rememorar uma delicada situação quando o filho de apenas três anos de idade lhe faz um pedido: “– Mamãe, você pode ficar branca?” O que dizer/fazer em tal situação? Qual mãe (ou pai, tios/as), não se surpreenderia(m) diante de um pedido desse? O que levaria uma criança a desejar o embranquecimento da mãe? E, outra questão deixaria para a reflexão: se isso acontecesse com um/a de nós, como agiríamos?

Considerando o delicado fato e o redimensionando, outra questão se insurge: se no espaço escolar se notar situações de discriminação racial, o que fazer? Ignorar, incorrendo na prática da “avestruz”, conforme problematizado por Munanga (2000)?

¹ Maria Anória de Jesus Oliveira é doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB).

² No caso da 10.639/03, ao que parece, muitas escolas com suas “cascas-tartarugas”, parecem não ter percebido que a ameaça maior não é a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, mas, ao contrário, a ausência desse pleito antigo é que tem fortalecido o potente inimigo social: o racismo.

Intervir? Mas, como? Visto que, se até mesmo uma mãe atenta e estudiosa da área foi pega de surpresa em seu lar, imaginemos as complicações vivenciadas (quando não silenciadas) no espaço escolar! Nesse espaço, salvo raras exceções, se tende a ignorar a presença das diferenças (étnico-raciais, religiosas, de gênero, homossexuais, entre outras mais).

Receitas para resolver os problemas recorrentes³, a meu ver, inexistem. No entanto, é possível partir das reflexões, vivências, sugestões e, assim, ir (re)aprendendo a atuar, diante da luta árdua e antiga, contra as amarras racistas. Para melhor evidenciar essa afirmação, o/a convido a outro exercício imaginário.

Que, agora, repense o ontem e o hoje, a infância, a juventude e a fase adulta. De tais tempos, perguntaria: quais personagens marcaram a sua trajetória? Quais seres ficcionais mais o (a) emocionaram, levando-o (a) a percorrer a casa interna, os porões, os sótãos?⁴ A partir da ficção, diversas emoções podem aflorar, das quais destacaria a ira, a comiseração, a tristeza, a alegria e, enfim, os (in) contidos desejos enredados nos desvãos da memória.

A literatura, sob a ótica aqui concebida, cumpre um papel emocional e social; afinal, sua forma artística não fica alheia às injunções do tempo sendo que, por meio da palavra (oral ou escrita), é possível envolver o leitor, atuando em seu modo de ver, sentir, pensar e compreender o universo circundante. Daí o fato de, embora se tratando de textos ficcionais – e as novelas são bons exemplos disso –, as pessoas chegarem a discutir, polemizar, questionar, defender, torcer contra ou a favor do sucesso ou insucesso de certos personagens. Ou seja, a arte, inclusive a literária, a despeito das controvérsias antigas acerca de uma pretensa neutralidade, não deixa de educar, além de reforçar certas visões sobre o mundo circundante e outros desconhecidos, embora visíveis pelo poder imaginário.

Ao referir-se à *Literatura negro-brasileira*, o escritor Cuti (2010), traça sua trajetória, cita as gerações e aborda o papel da crítica. Nesse aspecto, levanta instigantes polêmicas ao asseverar que “Negro ou afro não tanto faz” e pontua que “[...] a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (cit, p. 12). Em suas reflexões, o autor refere-se às “manobras” dos grupos hegemônicos brancos “para impedir a partilha do poder” (CUTI, 2010, p.13). Nuances desse “poder”, em outras palavras e contextos, obviamente, se insurgem na relação entre a literatura e história, sob o ponto de vista da pesquisadora Florentina Souza, em um artigo extremamente relevante sobre a *Literatura e história: saberes em diálogos*.

Por hora, no entanto, recorro à referida pesquisadora apenas, para ressaltar que a literatura sempre teve “cor” e, questionaria: qual? Para melhor saber/compreender, indicaria a leitura apurada do seu texto. Até lá, contudo, e para instigar, considero

³ De discriminação racial. Alguns exemplos: os xingamentos, a rejeição, a desqualificação da criança negra por conta dos seus cabelos crespos, as intolerâncias religiosas, etc.

⁴ Para saber mais sobre essa função da arte literária consultar o livro: *Ouvidos dourados, a arte de ouvir histórias (... para depois conta-las)*, de autoria do escritor Jonas Ribeiro (1999), ao instigar sobre o por que contamos histórias. E, uma das respostas é, para redimensionar o imaginário do leitor.

plausível a associação com a brilhante conferência proferida pela escritora *nigeriana* Chiammanda Ngozi Adichie, sobre *O perigo de uma história única*⁵.

Tecendo as faces de outras memórias, ao (re) aproximar África e diáspora, também a voz do historiador ressoa no *Caderno*, ao trazer à tona dois grandes líderes que, me atrevera a perguntar: será que o/a prezado interlocutor/a conhece? Independente de a resposta ser positiva ou negativa vale a pena um passeio sem pressa face às palavras poéticas de Leopold Senghor e Solano Trindade, revigoradas pelo estudioso Elio Flores. Esse seria mais um caminho a seguir, ante a luta milenar para se quebrar correntes eurocêntricas, procurando saber mais a respeito “do protagonismo negro no século XX tanto na África quanto na Diáspora africana”, conforme assevera o referido autor.

Cabe, agora, uma pausa nesse entrelace textual, para aguçar o pensar: qual seria o *perigo* de se propagar uma única história (ocidental e brancocêntrica, no caso), em detrimento das demais? Arriscaria a inferir que, apesar de não se voltar, especificamente, para os fatos narrados pela escritora nigeriana, cada texto desse *Caderno* não deixa de, por outro lado, contribuir para alertar em relação àquele perigo. Trazendo à baila outra asserção de Cuti (2010, p. 13), gostaria de enfatizar que a “literatura é um fazer humano”, cuja composição, complementar a palavra do poeta, resulta do labor artístico, ante a arte de se lapidar poéticas palavras.

O trabalho com a arte literária, seja no âmbito da produção, seja no tocante à seleção e à difusão, requer um olhar crítico, para não se endossar o que se deseja desconstruir. Isto é, a doença secular que corrói as relações sociais: o racismo e suas consequências. Resta, portanto, envidar todos os esforços possíveis e remover essas nódoas emocionais e os impactos sociais. Nas escolas elas se multiplicam, caso não haja as devidas intervenções. Quem evidencia isso é Lucimar Rosa Dias e Ivonildes (Vânia) da Silva Fonseca, além de Eveline Santos. Nessa direção, vale frisar que a literatura educa/sugere, instiga/acomoda, refuta/reitera, emociona e pode colocar em xeque certos modos de saber/viver, ser/estar, abrindo espaços para o processo de “tornar-se”.

Tornar-se negra⁶. Tornar-se mulher. “Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte [...] Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos”, conforme confidencia Geni, em *A cor da ternura*⁷, ante o complexo processo de reconhecer-se, afirmar-se sem, contudo, preterir o olhar/sentir a vida “com os olhos de dentro”, como o faz a personagem (ou a autora/escritora?). Literaturas como essas, sim, precisam chegar mais às salas de aula, ao universo imaginário dos/as leitores/as, transpassando as barreiras do mercado editorial em geral, para ajuda-los/as a sonhar/sorrir, chorar/sentir o presente, o passado, o porvir.

A literatura pode, ainda, se constituir como importante aliada contra as amarras racistas, sexistas, homofóbicas e intolerantes. Sua tessitura, sob essa ótica, abre margens para se (re)pensar as complexas relações étnico-raciais, a coexistência entre as

⁵ Tanto o vídeo como o texto impresso se encontram disponíveis na internet, acessar: <http://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>

⁶ Como assevera Neuza Santos Souza (1983).

⁷ De autoria da escritora Geni Guimarães: *A cor da ternura* (1998, p. 81).

diferenças e a necessária afirmação identitária negra, por exemplo⁸. Nesse caso, os personagens de ficção cumprem um papel extremamente significativo, por possibilitarem “a leitura do universo do homem, mediada pela palavra”, como explica Antonio Candido (1992).

Do entrelaçamento de ambas as linguagens, a palavra escrita e ilustrada, além da linguagem verbal, a exemplo da oralidade, ou a *simples narrativa*, nas palavras de Betty Coelho (1992)⁹ resulta o que, aqui, considero *literatura infantil e/ou infanto-juvenil*, sem as distinguir, com base na faixa etária do/as leitores/as.

Independente de os destinatários serem crianças ou jovens gostaria de endossar, a princípio, o papel social e a relevância dos personagens, no que se refere à possibilidade de, através deles, se redimensionar o universo circundante, “suscitando a percepção do leitor em face desse mundo” (CANDIDO, 1992, p. 29). “A literatura, desse modo, torna-se um campo fértil para a demanda atual”, caso se leve “em conta a sua plurissignificação e a necessidade” de se primar “pela valorização das diferenças [...]” (OLIVEIRA, 2014, p.20).

Tomando como referência a noção de personagem erigida em Cândido que, na realidade, não se detém sobre as relações étnico-raciais, menos ainda às crianças e aos jovens, não consideraria impertinente afirmar que a “percepção” que os/as leitores/as tendem a desenvolver – considerando a trajetória da literatura infanto-juvenil ocidental – favorece a constituição de um imaginário inferiorizado em relação às diferenças. Nisso consiste o *perigo de uma história única*? Penso que sim. E, consequência: a tendência à introjeção de ideias preconceituosas, quando não racistas, quanto às ditas diferenças e, leia-se: negras, enredadas na teia literária.

Para melhor exemplificar essa afirmação, complementaria as questões colocadas inicialmente pedindo aos leitores e às leitoras para, agora, fazer uma imersão no universo imaginário e, de lá, da infância (se possível), relacionar os personagens negros que os/as marcaram. E, complementaria: quais são? Quantos são? Como eram? O que faziam? O bem, na condição de heróis ou o mal, em papéis de antagonistas? Seriam, por outra via, associados aos amigos imaginários, ajudando a adentrar *a casa interna, os sótãos, porões e outros espaços vazios*, seguindo a direção do pensamento do escritor Jonas Ribeiro (1999), ou equivaleriam a personagens meramente secundários?

Com as questões acima, intento endossar que a literatura infantil e/ou juvenil, oriunda das sociedades burguesas, ao final do século XVII e limiar do século XVIII, não ficou alheia às injunções do tempo. Em outras palavras, tanto os contos de autoria de Charles Perrault, na França, quanto a leva maior e mais difundida dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, reforçaram (e ainda reforçam) valores dos grupos hegemônicos brancos.

Para reiterar ainda mais os argumentos expostos, vale entrelaçar os fios da memória através de David Brookshow (1983)¹⁰, quando ele se refere ao papel das histórias contadas na infância para moldar a visão do branco sobre o negro. Sem

⁸ A esse respeito, sugiro a consulta a dissertação de mestrado de Bárbara Maria de Jesus de Oliveira (UNEB/Pós-Crítica/2014), intitulada: *Cadernos negros (contos): fortalecendo as negras raízes?*

⁹ Em seu livro: *A arte de ouvir e contar histórias*.

¹⁰ Em seu livro: *Raça & cor na literatura brasileira*.

desconsiderar o contexto histórico do século XIX, no que se refere à edificação do *racismo científico* (MOORE, 2008), lembro dois contos, dentre os sete volumes da coleção dos referidos irmãos, nos quais se narra a história de antagonistas malévolas negras. São elas: a) *A noiva branca e a noiva preta*; b) *As três princesas pretas*¹¹.

Desse fio narrativo, delinheio outro e conclamo o/a leitor/a a rememorar as músicas da infância para incutir medo. Do meu arquivo imaginário ecoam cantigas antigas. Uma delas, talvez, tenha ajudado a acalmar, assustar, embalar o sono e os sonhos de muitas crianças. Foi o boi da cara “branca”? Não! Preta! Também, um homem! O homem da pasta preta. Rememoro aqui menos para endossar tais visões e mais para realçar o quanto os ranços racistas podem nos intoxicar. E isso não se restringiu aos contos de fada, às cantigas, mas, a uma vasta produção cultural, a história oficial, os livros didáticos, literários e outros mais.

Após o apogeu dos contos de fada, no Brasil, os personagens mais difundidos se circunscrevem ao universo lobatiano, embora situando em condições secundárias. Na Bahia, por exemplo, o poeta Geovane costuma vociferar a abafada voz de Nastácia, muitas vezes sufocada por Emília, em seu intitulado texto *A revolta de Tia Anastácia*:

Tia Anastácia está revoltada
Tia Anastácia está revoltada
Hoje eu tive com tia Anastácia
Ela me disse que está muito revoltada
Por que o Sítio do Pica-Pau amarelo está tirando ela como otária
ela faz os bolinhos e Dona Benta recebe a medalha
Tia Anastácia está revoltada
Tia Anastácia está revoltada
Farinha de trigo tem que ser tia Anastácia”¹².

A Anastácia, diferentemente daquela “a lá Lobato”, que tanto povoou – e povoa –, o imaginário social, se revolta ao ser associada a uma “otária”. O poeta, de forma paródica, a recria e sugere ao leitor outro modo de ver/conceber a querida cozinheira que, de passiva e secundária, ascende ao reivindicar outro lugar na trama e se impõe: “Farinha de trigo tem que ser tia Anastácia”.

Se de um lado a Anastácia faz reivindicação, de outro, tempos atrás, *neo lobatianos/as* ecoaram inconformados gritos por diversas partes do país, para absolver Lobato e um dos seus livros, *Caçadas de Pedrinho*, sob a alegação que no mesmo não há preconceito racial. Resultado: ganharam a luta – mas não a guerra –, e quem a perdeu foi a sociedade, mas, principalmente, as diversas crianças e jovens negras, por serem as maiores vítimas das ciladas racistas.

O que fazer, então, se o tal livro foi enfiado goela abaixo? De minha parte, o substituiria por novos livros, sem pestanejar. Outra resposta contundente é sinalizada por João Feres Júnior, Leonardo Fernandes Nascimento e Zena Winona Eisenberg.

¹¹ GRIMM, irmãos (Jacob e Wilhelm). *Obra completa*. Contos e lendas, volume II, s/d.

¹² Ver: <http://gramaticadaira.blogspot.com.br/2007/12/revolta-de-tia-anastacia-um-clssico-do.html>, acesso em 20/09/2014.

Ao/À interlocutor/a caberá rever seu ponto de vista sobre a questão, tirando as próprias conclusões. Contudo, sem tropeçar em ideias vãs, vagas e inconsistentes, ficando alheio/as a esse retrocesso histórico.

Voltando ao panorâmico passeio face aos seres ficcionais na literatura infantil/juvenil brasileira, da era Lobato aos anos correntes, uma quantidade maior de personagens negros passam a compor o cenário literário. Isso, no transcorrer dos anos 1970 e, mais precisamente, nos anos 1980, quando do *boom*¹³ da literatura infantil e juvenil brasileira, devido ao investimento na área e, por conseguinte, o surgimento de novos escritores no mercado livresco. Naquele contexto se delineiam tais seres ficcionais, sobretudo, masculinos, como um meio para denunciar a pobreza, o racismo e, diria, a “miserabilidade humana”¹⁴, tendendo-se a despertar nos leitores a comiseração.

A literatura, assim, denuncia os problemas sociais e, ao mesmo tempo, aflora a dor pungente de míseros seres de boa índole, logo, protegidos “pelo branco bom”. O prêmio: livres, grosso modo, dos antagonismos precedentes. Ao leitor, questiono: o que essa literatura até então enfocada pode desencadear? E, em que consistiria o divisor de águas, contando-se com uma gama variada de produções com seres ficcionais, não mais restritos à comiseração? Parte da resposta a essa questão pode ser encontrada no texto de Lucimar Rosa Dias, constante desse *Caderno*.

Enfim, representar o personagem negro na condição de *sujeito de discurso*, com voz ativa, desejos, dilemas e resistências, sem sair pela tangente através do discurso da mestiçagem é algo recente em nossa trajetória literária. Essa linha de mapeamento e análise de livros inovadores, quantitativa e qualitativamente é, também, outro assunto abordado aqui, pois, o cerne de reflexões é, prioritariamente, os leitores crianças e jovens.

No presente *dossiê*, de modo geral, o que destacaria em cada texto que o compõem, levando em conta a relevância social do mesmo para a atuação docente? Eis o que enfocarei a partir de então, para melhor explicitar o que os/as leitores poderão encontrar, já que apenas toquei nas questões gerais de alguns artigos.

O primeiro texto do dossiê, cujo título é “Literatura e história: saberes em diálogo”, de autoria da pesquisadora Florentina Souza, tem o propósito de “evidenciar a articulação entre a história, literatura e a memória”, as compreendendo enquanto “espaços intercomunicáveis de diálogos e de tensões”, as quais são engendradas “através da linguagem”. Como o próprio título indica, a estudiosa versa sobre as aproximações (diálogos) e as diferenças entre ambas as áreas.

A partir de uma perspectiva interdisciplinar, a autora salienta que os “saberes sobre a humanidade têm pontos de contato”. Esses pontos são enredados em diferentes contextos, a saber: do Brasil colônia, império à república, evidenciando-se que as duas áreas anteriormente citadas, andaram “de mãos dadas” na constituição de um imaginário negativo sobre “negros, índios ou mulheres”. Esse imaginário é desvelado com bastante perspicácia, favorecendo novas analogias para que se possa compreender a relevância

¹³ Conforme aludido por Ligia Cademartori (1986): Literatura infantil (Ática), referindo-se à eclosão da literatura infantil no Brasil, com vistas à erradicação do analfabetismo.

¹⁴ A esse respeito, consultar uma pesquisa anterior: Oliveira (2003).

social do intelectual negro, sobretudo, na reconstituição de “outras estampas”, as quais não se restringem à visão dos grupos hegemônicos, posto que os “[...] historiadores e os escritores, muitos deles afrodescendentes, vêm caminhando juntos, procedendo diálogos intertextuais, para construir outras estampas, outros imaginários para o Brasil”. Tais “estampas” são, também, pontos de reflexões de Florentina Souza que, por fim, apresenta uma plêiade de artistas/escritores, que carecem de mais reconhecimento no país.

No segundo texto, de Eveline Alvarez dos Santos “Diálogos entre cultura, negritude, literatura infanto-juvenil e ensino”, a pesquisadora parte das noções de *negritude* abordada em Zilá Bernd (1988), considerando que esse termo “se manifesta através da história e que busca substituir o pensamento ocidental por um pensamento de valorização à raça negra”. Contudo, “na fase colonial”, tal intento foi esquecido, além de bastante contestado pelos grupos hegemônicos, por se constituir enquanto movimento de afirmação das raízes africanas tanto em África, quanto na diáspora.

Centrada na noção delineada acima, Eveline Souza destaca a literatura como “agente auxiliar na construção de saberes”. Sendo assim, torna-se um *locus* favorável ao “processo” de constituição “da subjetividade negra”, sendo o educador um mediador que precisa “repensar seu papel em sala de aula” sem incorrer em “práticas racistas”, primando-se por um trabalho plausível à formação dos estudantes, sejam as crianças, sejam os adolescentes. Para esse fim, a pesquisadora enfoca a trajetória inferiorizada dos personagens negros nas produções infanto-juvenis no Brasil, e centra-se em dois livros que, a seu ver, inovam o cenário literário, sem se restringir ao eurocentrismo. São eles: 1) *Amanhecer Esmeralda*, do escritor Ferrez; 2) *As tranças de Bintou*, cuja autora é Sylviane A. Diouf. Por fim, a pesquisadora reitera a relevância social da área em questão, além de destacar a importância de se trabalhar com os referidos livros “em sala de aula”, visto que ambos podem interessar tanto ao aluno branco quanto ao negro contribuindo-se, desse modo, para se “aprender mais sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana”.

Lucimar Rosa Dias, autora do terceiro texto, “Políticas públicas voltadas para as diversidades: a igualdade racial na educação infantil, um caminho a ser percorrido” parte de um acontecimento pessoal como argumento “para discutir sobre a agenda de políticas públicas e de pesquisas acerca da diversidade étnico-racial na educação infantil”. Justifica o percurso escolhido a princípio: (auto) biografia, respaldando-se em estudiosos da área, por considerar plausível “os profissionais de educação narrarem/pensarem sua memória relativas à diversidade étnico-racial”. Feita tal elucidação, a pesquisadora relata uma situação delicada quando seu filho de apenas três anos pede para ela “ficar branca”. Avaliando as consequências, a pesquisadora se questiona sobre o “que faz uma criança que ama sua mãe desejá-la de outra cor, mas não qualquer outra, e sim, branca?”

Lucimar Dias faz ponderações, se posiciona, abre possibilidades de outras reflexões e compartilha o que fez para resolver o problema e, a partir daí, evidencia a “necessidade urgente de políticas públicas que invistam na educação para a igualdade racial”. A autora apresenta o histórico de tais políticas no país, comenta os avanços e recuos, sendo as conquistas resultantes das reivindicações, mobilizações e articulações

dos movimentos negros. A lei 10.639/03 é, também, exemplo das lutas e pressões sociais. Diante do percurso, da alusão às pesquisas na área, dos questionamentos levantados que podem desembocar em novas pesquisas na área, Dias salienta que já não se pode alegar a “falta de material para formar os professores” e, por fim, se detém sobre algumas dessas produções, as sugerindo às/aos educadoras/es.

“A diversidade étnico-racial e saberes significativos na escola” é o quarto texto do *Caderno*. A autora, Ivonildes (Vânia) da Silva Fonseca, inicia as reflexões contextualizando o espaço escolar após a promulgação da Lei 10.639/03 e evidencia, a princípio, que embora as temáticas concernentes à história da África e à cultura afro-brasileira tenham sido colocadas em pauta, “todavia não encontraram ainda o seu *locus* nem a forma de realizar a transversalização”. A esse fator, se atribui a falta de formação docente para lidar com os conteúdos pertinentes à área em foco. Sem se limitar à constatação dessa problemática, a pesquisadora apresenta possibilidades pertinentes à atuação docente, atentando-se aos interesses dos estudantes.

Uma das sugestões de Ivonildes Fonseca é a utilização das novas tecnologias e das músicas, o rap, por exemplo. Em seu percurso, a pesquisadora não ignora os “diferentes ramos do conhecimento” de onde se erigem alguns termos, a exemplo de: “multiculturalismo”, “pluralismo”, “diversidade” e “etnoeducação” procurando, através dos mesmos, as aproximações, para a respaldar as diferenças étnico-raciais negras, o cerne das suas reflexões. Alguns questionamentos importantes são levantados e dizem respeito à negação identitária que as crianças negras tendem a desenvolver e, nesse aspecto, há aproximação entre as ideias desenvolvidas e os textos precedentes de Lucimar Rosa Dias e Eveline dos Santos. E, assim como tais estudiosas, Ivonildes Fonseca sugere caminhos para os/as docentes, pautada na “aprendizagem significativa”, à luz de Ausubel (1918-2008) e, ainda, algumas atividades que podem auxiliar os/as profissionais em sua atuação docente.

“Do lado de cá e do lado de lá: discursos poéticos e representações negras no mundo atlântico (Solano Trindade e Leopold Senghor)”, o quinto artigo, de autoria do pesquisador Elio Chaves Flores, conforme evidenciado pelo autor, é um “ensaio historiográfico” que “trata das representações históricas e estéticas que intelectuais afro-brasileiros e africanos conceberam sobre a África negra no decorrer do século XX”.

“Do lado de cá” existiu Solano Trindade, integrante do Teatro Experimental do Negro, “poeta do povo negro” e, na África negra, “do lado de lá”, uma referência internacional, Leopold Senghor, o reconhecido “poeta da negritude”. A partir de uma “perspectiva comparatista”, o aludido pesquisador vai apresentando as trajetórias de ambos e, nesse percurso, identifica o que os aproxima sem, contudo, desconsiderar as diferenças nas “curvas” de cada caminhar. Assim, escolhe as veredas que aproximam o campo da história cultural e os estudos literários. Dessa travessia se insurge a poesia da negritude ao lado da poética de Trindade, em seu inesquecível *Canto a Palmares* e, na realidade, um canto “contra todas as tiranias”.

O sexto e último texto, “Considerações sobre o politicamente correto: o caso das Caçadas de Pedrinho”, de João Feres Júnior, Leonardo Fernandes Nascimento e Zena Winona Eisenberg, como pode ser observado desde o título, aborda as polêmicas criadas em torno do parecer do MEC contrário à adoção do referido livro do escritor Monteiro

Lobato, em 2010. Os autores apresentam o histórico do “caso Lobato” e refletem sobre o papel da mídia escrita, a grande imprensa do país diante do *affair Caçadas de Pedrinho*.

Os autores contextualizam o fato, evidenciam o alvoroço criado pela grande mídia para defender Lobato e se referem às articulações desta recorrendo, também, a outros segmentos sociais, destacando-se estudiosos/as de Lobato, escritores, dentre outros, para advogar a seu favor, inocentá-lo e à sua obra. Ao analisarem aquele cenário, os autores explicam as várias nuances do que se denominou pejorativamente de discurso *politicamente correto* e, com isso, possibilita novas reflexões sobre aquele contexto. Do texto, uma sugestão é feita diante da adoção do aludido livro e, por fim, questiona: o que fazer, de fato? E a resposta é ainda mais instigante, pois caberá ao/a profissional (re)pensar sua posição face ao complicado livro já que, até então, não foi possível vencer o *affair* Lobato.

Conforme evidenciado inicialmente, embora se tenha textos procedentes de distintas áreas do conhecimento, no *Caderno* não deixam de se aproximar por vários motivos: 1) partem de um problema social: a existência do racismo na sociedade brasileira; 2) não se limitam à constatação desse problema; 3) partem das respectivas áreas, norteando-se em importantes aportes teóricos e/ou crítico e, na medida do possível, estabelecem diálogos com áreas afins; 4) problematizam, instigam, sugerem caminhos e abrem fendas às leituras favoráveis a uma perspectiva – ou perspectivas – antirracista/s ao se trazer à tona atores, autores e uma gama variada de referências, para aplainar as travessias de quem tem que lidar, no dia-a-dia, com as complexas relações étnico-raciais na sala de aula.

Em suma, o presente *Caderno* é um importante antídoto contra os perigos de “uma história única” E, pelo título, não poderia deixar de reconhecer que, por aí, se rememora um movimento de extrema relevância social que, em 1978, publicou a primeira série dos *Cadernos Negros*. Seria mera coincidência? Penso que não, mas, independente disso, trago à baila uma constatação dos autores da literatura negra para encerrar essa apresentação que não cessa pois, a meu ver, suas palavras seguem atuais, quando eles asseveram que “[...] Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte [...]. Algumas faces, sem disfarces, dessa “negrura” podem ser encontradas, sob novas roupagens, no presente *Caderno*. Basta folhear as páginas que se seguem e as desvelar. Axé!

Referências Bibliográficas

BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADERNOS NEGROS: POESIA. No. 1, São Paulo, 1978.

CANDIDO, Antonio [et al]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

- CUTI, Luiz da Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro: 2010.
- GRIMM, irmãos (Jacob e Wilhelm). *Obra completa*. Contos e lendas, volume II, s/d.
- GUIMARÃES, Geny. *A cor da ternura*. São Paulo, FTD, 1998.
- MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo no Brasil*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007
- MUNANGA, Kabenguele. “Apresentação”. In. MUNANGA, Kabenguele (Org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.
- _____. *Áfricas e diásporas a literatura infanto-juvenil e em Moçambique*. Salvador: EDUNEB, 2014.
- OLIVEIRA, Bárbara Maria de Jesus. *Cadernos Negros (contos): fortalecendo as negras raízes?* Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Educação da UNEB/Campus II: Alagoinhas/BA, 2014.
- RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos dourados: a arte de ouvir histórias (... para depois contá-las...)*. São Paulo: Ave Maria, 1999.
- SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro, Edições Grall, 1983.
- TELLA, Marco Aurélio Paz (Org.). “Apresentação”. In: *Ações afirmativas e relações étnico-raciais no Brasil*. João Pessoa: NEABI/UFPB, 2012, p. 9 – 13.